

A EDUCAÇÃO DO CORPO NOS PARQUES E RECANTOS INFANTIS DE CAMPINAS-SP (1940–1959)

*BODY EDUCATION IN CHILDREN'S PARKS AND PLAYGROUNDS
AT CAMPINAS-SP (1940– 1959)*

*LA EDUCACIÓN DEL CUERPO EN PARQUES INFANTILES
DE LA CIUDAD DE CAMPINAS (1940 - 1959)*

Rafael Stein Pizani*, Edivaldo Góis Junior*, Silvia Cristina Franco Amaral*

Palavras chave:
História do século
XX. Características
culturais. Parques
recreativos. Brasil.

Resumo: O estudo teve como objetivo evidenciar discursos e práticas articulados em torno de uma educação do corpo em Parques e Recantos Infantis na cidade de Campinas/ SP entre os anos de 1940 e 1959. Através de uma pesquisa histórica, conclui que os Parques e Recantos Infantis foram importantes instituições destinadas à assistência, educação, cultura e recreação da população infantil, sendo pensados e orientados enquanto um projeto político e pedagógico destinado ao controle da infância, mas também à constituição das identidades local e nacional ainda não estabelecidas como modernas, urbanas e racionais.

Keywords:
History, 20th
century. Cultural
characteristics.
Parks, recreational.
Brazil.

Abstract: The study aimed to show discourses and practices articulated around body education in parks and playgrounds in the city of Campinas in 1940-1959. Through historical research, it concludes that children's parks and playgrounds were important institutions for care, education, culture and recreation for children, designed and oriented as a political and educational project to control children, but also to establish local and national identities still not consolidated as modern, urban and rational.

Palabras clave:
Historia del siglo
XX. Características
culturales. Parques
recreativos. Brasil.

Resumen: El estudio tuvo por objetivo evidenciar discursos y prácticas articulados en torno a una educación del cuerpo en parques infantiles de la ciudad de Campinas, entre los años 1940 y 1959. A través de la investigación histórica, concluye que los parques infantiles eran importantes instituciones destinadas a la asistencia, educación, cultura y recreación de la población infantil, que fueron pensados y orientados como un proyecto político y pedagógico dirigido al control de la infancia, pero también a la constitución de las identidades local y nacional aún no establecidas como modernas, urbanas y racionales.

*Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP). Campinas, SP, Brasil.
E-mail: rafaelspizani@hotmail.com

Recebido em: 25-09-2015
Aprovado em: 15-12-2015



1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a ocupação do tempo livre, no que diz respeito à necessidade de organização do lazer pelas elites políticas e econômicas, pode ser observada durante as décadas de 1920 e 1930 com o surgimento de um conjunto de iniciativas públicas relativas à recreação e à diversão da população. Embora estudos recentes tenham revelado que no Rio de Janeiro, ainda nos séculos XVIII e XIX, o lazer fosse tema relevante para as autoridades políticas daquela cidade (MELO, 2013; MELO, 2015), nas primeiras décadas do século XX, iniciativas governamentais se disseminaram em várias capitais brasileiras, como Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre, São Paulo e o próprio Rio de Janeiro, locais onde o seu investimento teve significativa repercussão no cenário nacional.

Desse modo, em específico, este estudo buscou evidenciar iniciativas de educação do corpo no âmbito do lazer/tempo livre implantadas em Campinas, através da criação de Parques e Recantos Infantis. Almejamos problematizar como os discursos e práticas estavam ou não articulados em torno de uma educação do corpo das crianças em aparelhos e espaços públicos planejados para estes fins. Afinal, o discurso higienista de educação do corpo estava presente em práticas na constituição de espaços públicos destinados à infância em Campinas?

Inicialmente criados na cidade de São Paulo, no ano de 1935, os Parques Infantis estavam vinculados ao Departamento de Cultura, tendo à sua frente o modernista Mário de Andrade, que, juntamente com Nicanor Miranda, chefe da divisão de Educação e Recreios deste departamento, coordenava estas instituições, as quais consistiam em “[...] logradouros destinados à educação, recreação e assistências dos filhos de operários” (GOMES, 2003, p. 28).

Criados num período de forte transformação urbana, os Parques Infantis, na cidade de São Paulo, faziam parte de um novo regime, com novas regras e modos de viver, nos quais

Os padrões considerados civilizados de comportamento e de convívio social progressivamente adotados no universo patriarcal da elite cafeeira e dos industriais emergentes foram exportados para toda a Cidade, produzindo tensões, conflitos, tumultos e resistências (RAGO, 2004, p. 388-389).

Desta forma, erradicar hábitos populares vistos como atrasados ou perigosos (RAGO, 2004) era necessário na busca pelos modernos preceitos de higiene, pela ordem e pelo progresso objetivado pelos discursos de médicos e intelectuais. Para Valter Martins (2015), Campinas também vivia, no final do século XIX e início do XX, a exemplo de outras grandes cidades brasileiras, os ecos de iniciativas governamentais ancoradas nos discursos de médicos e engenheiros. Em seus termos:

As mudanças nas relações de produção com o fim da escravidão, a ascensão da burguesia, a imigração, a industrialização e o movimento operário permearam as rápidas transformações urbanas que refletiam preocupações políticas e econômicas de ordenar e higienizar o espaço habitado para garantir e controlar uma abundante força de trabalho. Proporcionar melhores condições de salubridade às classes populares que viviam em péssimas moradias se colocava como algo necessário e urgente para evitar a propagação das epidemias, que, afinal, atingiam pobres e ricos, embora em proporções diferentes (MARTINS, 2015, p. 516).

Dentre as reformas urbanas pensadas para atingir os objetivos de saneamento, estavam os “[...] programas de lazer com objetivos pedagógicos explícitos [que] cresceram

significativamente, ao mesmo tempo em que se enrijeceu o discurso sobre o ócio, estigmatizado como ameaçador e perigoso” (RAGO, 2004, p. 428).

Diante do surto de urbanização e industrialização ocorrido principalmente após as décadas de 1920 e 1930, a cidade vivenciou um momento de ruptura entre a realidade até então agrária e rural para uma nova configuração urbana e industrial, fazendo-se necessárias reformas urbanas, com destaque para o Plano de Melhoramentos Urbanos (BADARÓ, 1996)¹.

Neste contexto, a criação dos Parques Infantis neste município inicia-se no ano de 1940, quando é inaugurado o primeiro parque, localizado no bairro do Cambuí. O segundo parque seria inaugurado dois anos mais tarde, em 1942, sendo este localizado na Vila Industrial.

Outros parques foram criados, majoritariamente ao longo das décadas de 1940 e 1950, seguidos também pelos Recantos Infantis, os quais tinham o mesmo objetivo dos parques, diferenciando-se destes em aspectos organizacionais e pelo tamanho de suas instalações, uma vez que eram menores territorial e estruturalmente.

Segundo o documento “Relatório de Atividades Realizadas em 1958,”² produzido pelo Departamento de Ensino e Difusão Cultural (DEDC), órgão criado no ano de 1946 e responsável, a partir de então, pelos PIs e RIs, o município de Campinas totalizava, naquele ano, oito Parques Infantis e quatro Recantos Infantis localizados em diversos bairros da cidade, atendendo crianças de três ou quatro a seis anos, como também de sete a 12 anos no contraturno escolar, as quais recebiam atendimento médico, dentário e nutricional, aulas de Educação Física, educação recreativa e noções de agricultura no Clube Agrícola.

Os Parques e Recantos Infantis funcionaram no município de Campinas entre os anos de 1940 e 1981, data em que passaram, com a Lei Municipal nº 5.157 de 10 de Novembro de 1981, a ser denominados como Escolas Municipais de Educação Infantil – EMEIS (RAMOS, 2010).

Neste texto, propusemo-nos a analisar o papel da educação do corpo na constituição do lazer como um projeto político e pedagógico em busca do ócio produtivo nesta cidade entre os anos de 1940 e 1959.

A escolha do recorte temporal justifica-se pelo fato de abranger a inauguração dos dois primeiros e mais significativos Parques Infantis de Campinas, dos Recantos Infantis e do Departamento de Ensino e Difusão Cultural, responsável por estas instituições e por outras ações sociais, assistenciais e culturais no município.

Não menos importante que a escolha do recorte temporal, consideramos também o fato deste período, equivalente às décadas de 1940 e 1950, ser caracterizado pelo crescimento do aparato governamental, consolidando uma política de intervenção constituída, principalmente, a partir da década de 1930. Por isso sua análise é relevante, pois marca de maneira significativa a sociedade brasileira como um todo e, por consequência, a elaboração e implementação de políticas públicas.

¹ Encomendado então, em 1934, para o engenheiro e arquiteto Prestes Maia, o Plano de Melhoramentos Urbanos, segundo Badaró (1996), consideraria a cidade sob seu aspecto funcional, dividindo-a em quatro funções, sendo estas: habitação, recreação, trabalho e circulação, sendo diretrizes para a recreação, área que nos é mais interessante neste trabalho, “[...] a criação de jardins, play-grounds, e centros comunitários (escolas) junto às habitações; e a utilização de sítios mais pitorescos, próximos à cidade, para amplas instalações de recreio” (BADARÓ, 1996, p. 149).

² CAMPINAS, Secretaria de Educação e Cultura. Departamento de Ensino e Difusão Cultural. **Relatório de Atividades Realizadas – 1958**. Campinas, 1959.

Acerca da metodologia, utilizamo-nos de uma pesquisa histórica na qual o corpo documental foi formado a partir de um levantamento de fontes primárias nos acervos do Centro de Memória da UNICAMP, do Arquivo Municipal de Campinas, do Museu da Imagem e Som de Campinas e da EMEI “Celisa Cardoso do Amaral”, antigo Parque Infantil da Vila Industrial. Foram coletados documentos como relatórios, decretos e leis da Prefeitura Municipal de Campinas, artigos de jornais, fotografias e escritos produzidos pelo Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo e pelos Parques Infantis.

Foi na referida EMEI que encontramos a maior parte das fontes primárias em virtude de um projeto desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Campinas chamado Projeto Memórias, que consiste na recuperação da história da escola por meio de documentações, registros de colaboradores e declarações de suas experiências na época em que lecionavam na unidade. O projeto é baseado no Programa de Memória e Identidade: Promoção da Igualdade na Diversidade (MIPID).

A análise documental respeitou o conceito de “documento-monumento” de Jacques Le Goff (2003), onde as fontes são evidenciadas pelo historiador a partir de um problema ou uma questão que as interroga, construindo uma narrativa a partir de documentos que não são inócuos, ou neutros, mas que guardam em si representações e intencionalidades em sua preservação. Em seus termos:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma imagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. [...] O documento é monumento (LE GOFF, 2003, p. 537-538).

Como maior dificuldade, destacamos que há poucos documentos que tratam diretamente da rotina diária e das práticas realizadas nestas instituições, como, por exemplo, um plano político pedagógico ou mesmo um plano de aula, que constituam dados empíricos impreteríveis para a elaboração de uma narrativa que anseia vislumbrar a articulação entre discursos higienistas e práticas sobre o corpo na edificação de espaços citadinos voltados à educação, aos divertimentos e ao lazer.

2 A EDUCAÇÃO DO CORPO EM CAMPINAS: AS PEDRAS DOS ESPAÇOS DE LAZER E AS CARNES DOS CORPOS INFANTIS

Quando problematizamos a educação do corpo, partimos da prerrogativa de que ela se esboça de maneiras diferenciadas no tempo e no espaço, ou seja, que guarda consigo as particularidades de uma dada sociedade que esmiúça suas representações e intencionalidades em práticas voltadas à educação e ao corpo, como políticas, técnicas e pedagogias, traduzidas em higiene, ginásticas, esportes, lazeres ativos, roupas, adornos, conforme nos orienta Carmen Lúcia Soares (2014). Há, por isso, a necessidade de interrogarmos como a cidade de Campinas colocou-se em termos de políticas públicas diante dos discursos higienistas cada vez mais presentes na ordem do dia dos anos de 1940 e 1950, em uma sociedade que se organizava a partir de crises e retomadas econômicas desde o início do século XX.

Desta forma, ao considerarmos os Parques e Recantos Infantis em Campinas, criados a partir de 1940, podemos observar, em diversas ações realizadas nestas instituições, a influência dos discursos higienistas, atuando no desenvolvimento educacional e assistencial dos parqueanos.

Acerca desta influência, destacamos um trecho de uma matéria publicada no jornal *Correio Popular* no ano de 1950 que retrata o pensamento da época sobre o papel dos Parques e Recantos Infantis.

[...] ao nosso ver, nos parques infantis repousa o aperfeiçoamento incontestável do fator humano. Precisamos de gente forte e sadia para trabalhar pelo progresso da cidade e do Brasil. E é, tratando do físico, ao sol e ao ar livre, que os homens bons se fazem. Michelet tinha razão, quando escreveu: “De todas as flores, a flor humana é a que mais tem necessidade de sol”, e Lacassagne não errou, dogmatizando: “Viver e respirar são quase sinônimos em todas as línguas”. E, para rematar de modo a não deixar a menor dúvida, no tocante ao valor, incontestado e incontestável dos parques infantis, no aprimoramento material, intelectual e moral do homem, recordemos o velho e surrado apotegma latino: *Mens sana in corpore sano*. E é isto mesmo. Cuidemos do físico para termos saúde e inteligência.³

Versando sobre a formação do homem forte e sadio, responsável pelo progresso da nação, o autor nos dá elementos para pensarmos os cuidados com o corpo. Desta forma, salta-nos aos olhos a ênfase dada ao desenvolvimento do físico e sua ligação com a natureza, ou seja, à realização dos exercícios ao ar livre como essencial ao desenvolvimento do homem forte e sadio, sendo os Parques e Recantos Infantis importantes instituições voltadas a este propósito, pois congregavam natureza, higiene e atividades físicas.

Sobre a importância dada pelo autor à natureza, destacamos que, frente ao processo de urbanização, ela era cada vez mais tida como benéfica para a vida nas cidades, sendo incorporada nos discursos higienistas da época. Contudo, a natureza a que se refere o autor não se trata de uma natureza preservada, selvagem, mas uma natureza construída e organizada para o urbano, ou seja, uma natureza controlada pelo homem para atender aos seus objetivos (DALBEN; DANAILOF, 2009; SOARES, 2015). Concordamos com Dalben e Danailof (2009, p. 166), ao discorrerem sobre o sentido e a necessidade de um retorno à vida natural, que

O regresso às sensibilidades já conhecidas e idealizadas, a obediência às leis da natureza, teorias tidas como imutáveis, de certa forma confortavam. O olhar sobre a cidade como o oposto do ambiente natural tornava-se inevitável e o urbano, visto como local de degenerescência, de imundices, corroborava a perspectiva de que um parque, repleto de elementos naturais, seria um ambiente adequado para esse retorno, visando unir a natureza aos preceitos científicos da higiene para assegurar a saúde e educação dos futuros cidadãos.

Ao prezar, portanto, pela limpeza das cidades, assim como pelo desenvolvimento físico, pelo patriotismo e pelo civismo, a Educação Física nos Parques e Recantos Infantis apresentava características higienistas.

Tal fato pode ser comprovado pela fiscalização e orientação do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo (DEF-SP), criado pelo médico-sanitarista Arthur

3 IMPORTANTES melhoramentos serão introduzidos nos Parques Infantis. *Correio Popular*, Campinas 30 maio 1950, s. p. (recorte de jornal retirado do acervo da EMEI “Celisa Cardoso do Amaral” – Projeto Memórias).

Neiva⁴, pela formação das professoras e instrutoras, que se dava pela Escola Superior de Educação Física ou pelo Instituto de Higiene e pela constante presença e intervenção do médico nas ações desempenhadas nos Parques e Recantos Infantis.

A forte influência exercida pelo pensamento médico nestas instituições, de modo geral e também na Educação Física, pode ser vista num documento produzido pelo DEF-SP, intitulado “Regimento Interno dos Parques Infantis”, que discorre sobre as incumbências das diretoras destas instituições, dentre as quais deveriam:

i-) exigir que as crianças que tomam parte nos torneios e festas esportivas tenham autorização do médico; j-) vedar expressamente as crianças que não obtiverem autorização médica a sua permanência no Parque, a fim de se tornar uma realidade o afastamento das crianças doentes ou suspeitas como tal;⁵

Observa-se, portanto, que o médico exercia papel decisivo nas ações realizadas pelos Parques e Recantos Infantis, de modo que a participação nas atividades e a frequência das crianças nestas instituições ficavam condicionadas à sua autorização.

Sendo assim, pautadas principalmente em preceitos médicos e visando o aprimoramento físico e moral dos parqueanos, as aulas de Educação Física eram desenvolvidas por meio de atividades como ginástica, natação, jogos e dança,⁶ as quais deveriam ser “[...] preparadas com antecedência, segundo o Método Francês, e de acordo com a orientação do Departamento de Educação Física.”⁷

É preciso compreender a relevância da influência do Departamento de Educação Física de São Paulo, pois ele tinha a exclusividade sobre os conhecimentos e orientações ditos “científicos” nesta unidade federativa. A própria Escola de Educação Física estava atrelada a esse departamento, e contribuía também para a disseminação de uma “ginástica racional” que deveria ser praticada nas grandes cidades paulistas. Professores formados pela Escola de Educação Física na capital paulista migravam para as grandes cidades do interior, levando consigo suas concepções de Educação Física marcadamente europeias.

É o caso da professora Otília Forster⁸, campineira formada nessa escola em 1936. Ao analisarmos um documento produzido por ela, intitulado “Plano Geral de Trabalho” (FORSTER, 1939a), pudemos constatar que seus objetivos eram pautados no método francês, seguiam preceitos fisiológicos voltados ao desenvolvimento físico e motor da criança, incluindo exercícios de evolução e flexão, exercícios mímicos e jogos, distribuídos em três sessões, sendo uma *Seção preparatória reduzida*, destinada ao aquecimento; a *Lição propriamente dita*, composta pelos exercícios principais; e a *Volta à calma* para recuperar o organismo do esforço exercido durante a aula.

4 Sobre Arthur Neiva e o DEF-SP ver: DALBEN, 2009. DALBEN; DANAILOF, 2009.

5 SÃO PAULO (Estado), Secretaria de Educação e Saúde Pública. Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. **Regimento Interno dos Parques Infantis**. São Paulo, [19?a] (Documento retirado do acervo da EMEI “Celisa Cardoso do Amaral” – Projeto Memórias).

6 CAMPINAS, Departamento de Ensino e Difusão Cultural. Seção de Assistência Sócio-Educacional. **Programa Semanal de Educação Física nos Parques e Recantos Infantis Municipais**. Campinas, s.d.

7 SÃO PAULO (Estado), Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. **Instruções para Observância do Horário de Funcionamento do Parque Infantil**. São Paulo, [19?b]. (Documento retirado do acervo da EMEI “Celisa Cardoso do Amaral” – Projeto Memórias).

8 A professora Otília Forster foi a primeira mulher campineira a se formar pela Escola Superior de Educação Física de São Paulo, no ano de 1936. Foi professora de Educação Física em Campinas e região, contribuindo para a disseminação de práticas como a ginástica, a natação, o basquetebol, o voleibol, a corrida; dentre outras. Sobre o trabalho da professora Otília Forster, a educação do corpo e a Educação Física na cidade de Campinas no período de 1930 a 1940 ver: DANAILOF, 2002.

Figura 1 - Plano geral de trabalho

PLANO GERAL DE TRABALHO
CLASSIFICADOS NO 2º GRAU DO CICLO ELEMENTAR
TURMAS FEMININAS E MASCULINAS DOS 1ª e 2ªs ANOS:
De 7 á 9 anos

FIM A ATINGIR	PROGRAMA DOS EXERCÍCIOS	REGIME DO TRABALHO
Contribuir para assegurar a saúde. Fim geral: desenvolver normalmente as faculdades físicas da criança segundo as condições fisiológicas do crescimento e particularmente a função respiratória. Auxiliar o desenvolvimento da criança pelo exercício atraente; explorar sua faculdade de imitação.	Evoluções e rodas. Flexionamentos executados por imitação. Exercícios mímicos. Pequenos jogos. Jogos respiratórios.	Regime da lição: 1- <u>Sessão preparatória reduzida.</u> Evoluções. Flexionamentos simpões braços, pernas, tronco. Jogos respiratórios. 2- <u>Lição propriamente dita.</u> Um exercício de imitação por família. Dois pequenos jogos. 3- <u>volta á calma.</u> Normal

Campinas, 10 de Maio de 1939

Otilia Forster

Professora de Educação Física.

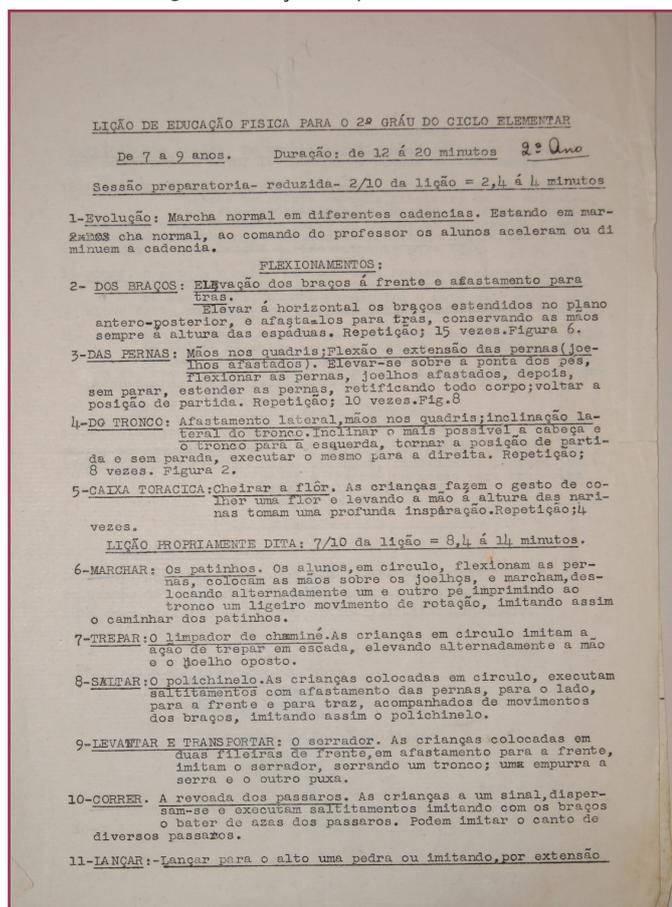
Fonte: FORSTER, 1939a, s.p.

Em outro documento produzido pela professora Otilia Forster, referente a uma aula propriamente dita (FORSTER, 1939b), conseguimos compreender melhor os exercícios desenvolvidos em cada seção mencionada anteriormente. De acordo com este documento a aula deveria ter de 12 a 20 minutos de duração divididos entre as três seções mencionadas anteriormente.

Na *Seção preparatória reduzida*, com 2,4 a 4 minutos de duração, seriam desenvolvidos as evoluções e os flexionamentos. As evoluções seriam as marchas com cadências diferentes e os flexionamentos, como o próprio nome sugere, são exercícios de flexão de algumas articulações referentes às partes do corpo, como braços, pernas e quadril.

Na *Lição propriamente dita*, com 8,4 a 14 minutos de duração, eram desenvolvidos exercícios que visavam o desenvolvimento de habilidades motoras básicas e elementares, como saltar, correr, lançar, trepar, sentar, transportar, atacar e defender, bem como os jogos.

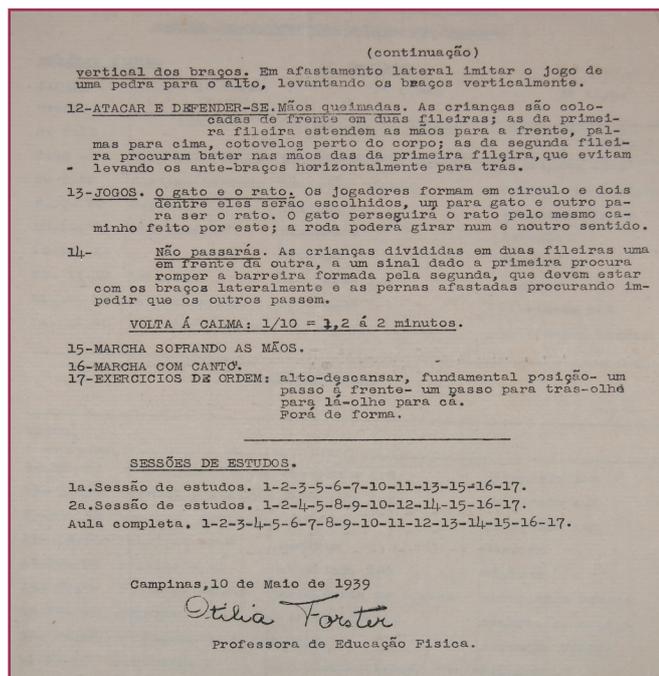
Figura 2 - Seção Preparatória Reduzida



Fonte: FORSTER, 1939b, s.p.

Na *Volta à calma*, com 1,2 a 2 minutos de duração, eram realizados exercícios menos intensos, como canto e exercícios de ordem, ressaltando ainda mais o caráter militar aliado ao caráter médico e biológico dos exercícios.

Figura 3 - Volta à calma



Fonte: FORSTER, 1939b, s.p.

Considerando o planejamento e a execução da aula, percebemos o controle meticuloso dos exercícios a serem realizados. O tempo cronometrado, os exercícios analíticos e o constante comando da professora ressaltam o caráter de organização destas práticas, condizentes com as prescrições das ginásticas europeias daquele período.

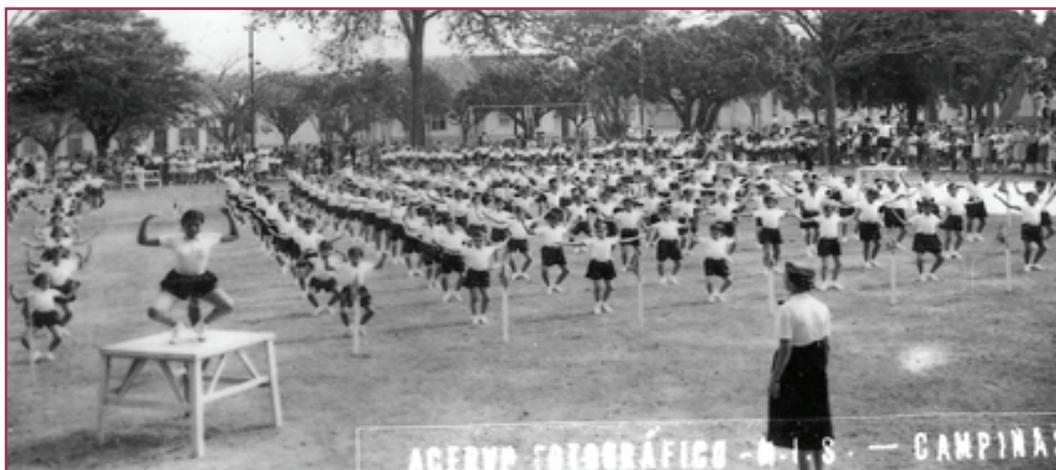
Ainda referente à ginástica, outra prática desenvolvida nos Parques e Recantos Infantis era a “Aula Ritmada de Educação Física Infantil”. Semelhante à aula de ginástica citada anteriormente, esta acrescentava ritmo por meio de um tamboril. Acreditamos que era destinada a ensaiar apresentações ginásticas, uma vez que seu plano faz referência ao número de 200 crianças, como também apresenta, para além da descrição dos movimentos, detalhamento através de figuras das formações executadas e suas transições.⁹

Esta documentação nos faz pensar, também, no fato de os Parques Infantis serem palco de muitas apresentações públicas de exercícios ginásticos elaborados por grupos de diversas cidades do Estado de São Paulo, as quais ocorriam em dias comemorativos e em festividades patrióticas (DALBEN, 2009). Observamos que a ginástica, componente das aulas de Educação Física dos Parques e Recantos Infantis, atuava não somente na formação de corpos produtivos, mas também em uma educação cívica, criando hábitos que iam além do corpo e residiam também em uma educação moral.

Os jogos, por sua vez, também integrantes do programa de Educação Física dos Parques e Recantos Infantis, assim como a ginástica, seguiam orientações do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo e apresentavam elementos do método francês. A estrutura da aula seguia a mesma desenvolvida nas aulas de ginástica, havendo seções preparatórias com evoluções e flexionamentos, realizadas antes do início dos jogos e um momento de volta à calma com exercícios respiratórios e exercícios de ordem.¹⁰

Observamos também que o DEF-SP indicava o número de sessões a serem realizadas para a prática dos jogos, representando uma aproximação com os métodos científicos e os princípios do treinamento e do exercício físico. Neste sentido, o jogo perde algumas das características que o definem como o caráter voluntário, o fim em si mesmo, as regras livremente consentidas (HUIZINGA, 2010), e passa a ser disciplinado, apresentando uma rotina estipulada com aquecimento, jogo propriamente dito e volta à calma.

Figura 4 - Apresentação ginástica – 2



Fonte: Museu da Imagem e Som de Campinas. Coleção CEI – Coordenadoria de Educação Infantil.

9 SÃO PAULO (Estado), Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. **Aula Ritmada de Educação Física Infantil: Método Francês**. São Paulo, 1942.

10 SÃO PAULO (Estado), Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. **Educação Física nos Parques Infantis**. São Paulo, 1947.

O controle do DEF-SP também pode ser visto por meio da indicação de quais jogos poderiam ser praticados pelas crianças e por ressalvas à prática do futebol, considerado um jogo violento e que desenvolve apenas algumas partes do corpo em detrimento de outras, revelando novamente o controle exercido nas práticas corporais das crianças e a preocupação com atividades que despertassem valores ligados à vadiagem e malandragem, constantemente associadas à modalidade.¹¹

Mediante o exposto, o jogo nos Parques e Recantos Infantis se caracterizava como uma estratégia para desenvolver o aspecto moral das crianças, atuando também no controle e desenvolvimento de valores, hábitos e práticas saudáveis.

Para além da ginástica e dos jogos, o programa de Educação Física nos Parques e Recantos Infantis era composto por aulas de dança e de natação, as quais também seguiam orientações do DEF-SP. Tais orientações não apresentavam tantas minúcias quanto as dedicadas à ginástica e aos jogos, porém mantinham a divisão e o controle do número de seções, tempo de duração e o grau de dificuldade das atividades assim como aquelas.

No que concerne à dança, as crianças deveriam ter de três a seis aulas, sendo inicialmente trabalhadas as rodas cantadas com imitações e figurações simples, assim como as letras das músicas. Para as crianças maiores deveriam ser introduzidas danças, as quais deveriam ser organizadas com passos precisos e ritmo, vindo a apresentar um caráter utilitário, ligadas aos benefícios dos exercícios. As orientações sugeriam ainda que as danças fossem preferencialmente ligadas a temas do folclore, retratando a forte influência da construção de uma identidade nacional que se materializava nos corpos e nas cidades, nas carnes e nas pedras.

Figura 5 - Pular corda



Fonte: Acervo do Museu da Imagem e Som de Campinas – Coleção Henrique de Oliveira Júnior.

Para Benedict Anderson (2013, p. 32), para pensarmos sobre a organização dos Estados Nacionais, poderíamos caracterizá-los como comunidades políticas imaginadas, pois

11 SÃO PAULO (Estado), Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. **Educação Física nos Parques Infantis**. São Paulo, 1947.

seus membros constituintes não se conhecem, “embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles”. Um sentimento que agrega simbolicamente uma comunidade de pessoas que não se reconhece na maioria das vezes. Pensá-lo no contexto de uma comunidade imaginada leva-nos a uma interpretação sobre as escolhas destes grupos limitados pelas fronteiras territoriais e políticas no que concerne ao que deve ser evidenciado ou silenciado na constituição da identidade. Desse modo, a comunidade não parte do zero, ela é imaginada destacando seus valores positivos e criticando seus desvios a partir de escolhas identitárias. Como afirma Anderson (2013, p. 39): “é o entendimento do nacionalismo alinhando-o não a ideologias políticas conscientemente adotadas, mas aos grandes sistemas culturais que o precederam, e a partir dos quais ele surgiu, inclusive para combatê-los”. Nesse sentido, a formulação dessas políticas públicas no campo do lazer, mesmo influenciadas pelos discursos higienistas, pelo viés cientificista da Educação Física, e seus preceitos europeus, como no caso das ginásticas, convivia com outras práticas, como as danças, que incentivavam a disseminação de uma cultura que transitava entre o local e o nacional, de cunho folclórico e tradicional, que não se opunham, mas ressignificavam os projetos higienistas de educação do corpo, constituindo novas identidades em uma cultura híbrida.

Figura 6 - Jogo com bola



Fonte: Acervo do Museu da Imagem e Som de Campinas – Coleção Henrique de Oliveira Júnior.

Essas práticas ainda tinham relação direta com as dramatizações e apresentações realizadas nos dias festivos, dedicadas às festas e dias comemorativos.¹² Não podemos deixar

¹² SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. **Educação Física nos Parques Infantis**. São Paulo, 1947.

de salientar que aulas de dança, ao trabalhar movimentos coordenativos e o ritmo, visavam também ao aprimoramento físico, bem como à noção espacial e de tempo, necessária às formações e apresentações ginásticas.

No caso da natação, era indicado que fosse realizada todos os dias para as crianças maiores de sete anos, sendo a duração da aula de 20 minutos. Para as crianças menores indicava-se que parte das aulas deveria ser substituída por brinquedos no “tanque de vadear”. No caso de chuva, as professoras poderiam ministrar aulas de dança ou organizar jogos “sociais e sensoriais”, os quais acreditamos serem jogos de tabuleiro, como damas e xadrez, ou outros possíveis de serem realizados em locais fechados.¹³

Infelizmente não encontramos referências sobre o conteúdo das aulas de natação, porém, pelas imagens, inferimos que não visavam ao ensino das técnicas de natação, ou seja, exercícios sistematizados, sendo dedicadas à adaptação e ao contato com meio líquido, preocupando-se mais com os divertimentos, com atividades espontâneas, o que não impedia a organização de competições infantis.

Figura 7 - Aula de natação – 1



Fonte: Acervo do Parque Infantil “Celisa Cardoso do Amaral” – Projeto Memórias.

Explicitados os componentes “oficiais” do programa de Educação Física dos Parques e Recantos Infantis, falta-nos ainda apresentar algumas considerações sobre as práticas esportivas desenvolvidas nestas instituições, por meio de torneios e da “Concentração de Parques e Recantos Infantis”, bem como sobre as atividades livres, como o tanque de areia e os brinquedos ou aparelhos.

No que concerne à prática esportiva, as instruções do DEF-SP recomendavam que fossem desenvolvidas da seguinte forma:

Revelando as crianças, em geral, grande interesse pelas competições (saltos em altura e distância, corrida, arremessos) as sessões de jogos poderão ser substituídas algumas vezes no mês por sessão de pequenas competições embora,

13 SÃO PAULO (Estado), Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. **Educação Física nos Parques Infantis**. São Paulo, 1947.

o “método francês” não recomende para o ciclo elementar. Será dada apenas à 3ª turma e em caráter recreativo não visando “performances.”¹⁴

Não fazendo parte do programa de Educação Física, cremos que as atividades esportivas eram, de fato, trabalhadas juntamente com os jogos e apresentavam caráter recreativo, o que pode ser visto nas participações dos Parques e Recantos Infantis em festivais esportivos e na “Concentração de Parques Infantis”.

Organizados pelo Serviço Social do Comércio (SESC), a “Olimpíada Infantil” e o “I Festival Esportivo do SESC” são exemplos de festivais esportivos que os Parques e Recantos Infantis participaram. Ambos foram realizados no Estádio Moysés Lucarelli em comemoração ao Dia das Crianças e apresentaram em seu programa esportivo modalidades individuais e coletivas.

A educação moral depositada no esporte e os elementos de uma prática recreativa, ao citar o entusiasmo dos participantes e o nível dos resultados obtidos nas provas, sugerem que as crianças não treinavam a modalidade. Complementando o aspecto recreativo destes festivais, observamos que todos os participantes eram premiados, e que eles também contavam com provas adaptadas como o “arremesso de pelota” e os “50 metros rasos.”¹⁵

A “Concentração de Parques Infantis”, por sua vez, era organizada pelo DEF-SP e realizada nos meses de férias escolares, comungando as crianças dos Parques Infantis do interior em uma cidade previamente escolhida para a realização de provas esportivas e jogos.

Com a finalidade de difundir a prática da Educação Física, a Concentração, semelhante aos festivais esportivos, apresentava provas adaptadas como: natação – 25 metros, voleibol gigante, corrida recreativa e um grande jogo, decidido previamente,¹⁶ caracterizando uma aproximação com preceitos recreativos. Contudo, a premiação se dava apenas aos primeiros colocados e o sistema de pontuação caracterizava uma competição esportiva profissional, quebrando o caráter recreativo representado na adaptação das provas.

Diferentemente dos festivais esportivos, a Concentração caracterizava uma ação contínua e ligada ao trabalho desenvolvido nos Parques Infantis. Sendo assim, trazia objetivos ligados à formação do homem disciplinado, observada em ações presentes no regulamento, como as cerimônias de abertura e encerramento, a utilização do uniforme e o horário a ser cumprido rigorosamente.

As atividades livres, por sua vez, eram destinadas, majoritariamente, às crianças pequenas, sendo estas o “tanque de areia” e os brinquedos, ou “aparelhos”, como eram chamados. Tais atividades apresentavam caráter recreativo, mas não excluía os objetivos pedagógicos ligados ao desenvolvimento de habilidades físicas e da sociabilidade das crianças.

Sobre estas atividades, o DEF-SP orientava que,

AREIA: O tanque de areia deve ser também aproveitado como meio de desenvolvimento da imaginação das crianças: mostrar às crianças que elas podem representar na areia o que desejarem: um castelo, uma casa, um jardim florido, um campo de esportes, uma igreja, uma cidade, etc. [...] APARELHOS:

14 SÃO PAULO (Estado), Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. **Educação Física nos Parques Infantis**. São Paulo, 1947.

15 MUITO CONCORRIDO e entusiasmado o festival esportivo infantil. **Diário do Povo**, Campinas, 16 out 1956, s. p. (recorte de jornal retirado do acervo da EMEI “Celisa Cardoso do Amaral” – Projeto Memórias).

16 SÃO PAULO (Estado). Departamento de Educação Física. Serviço de Parques Infantis. **Regulamento**. São Paulo, [19?c].

Balanços, passo de gigante, gangorras, deslizadores, carrosséis etc. Conhecidos e muito apreciados, tornam as crianças corajosas, fazendo-as perder a sensação desagradável de medo e tontura, contribuem para o desenvolvimento da coragem, iniciativa, disciplina, respeito ao próximo, além do seu valor educativo.¹⁷

Ficam-nos claras as intenções do DEF-SP na formação moral a partir destas atividades, que, embora chamadas de “atividade livre”, eram dirigidas pelas professoras no sentido de cumprir tal objetivo.

Por fim, as práticas corporais reproduzidas no ambiente dos Parques e Recantos Infantis, por meio de exercícios sistematizados e utilizando a ginástica científica e racional, mas também como os jogos, os esportes as danças, as atividades livres, tinham por objetivo formar crianças a fim de serem úteis na formação de uma identidade produtiva e nacional. Por meio de uma educação do corpo também se construía uma nação que almejava ser representada a partir de valores como o moderno, o desenvolvido, o produtivo, mas também o folclórico, local, silenciando outros como a vadiagem e a improdutividade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Parques e Recantos Infantis expressavam os novos ideais urbanos e estavam em sintonia com uma ideia de “educação pela e na natureza” (SOARES, 2015; DALBEN, 2009) que as cidades inventaram no início do século XX. A criação de parques e a ideia de vida ao ar livre não era apenas para controlar o tempo livre da população, mas principalmente para demonstrar a sintonia com os ideais urbanos próprios do mundo europeu e norte-americano, ou seja, a demonstração de uma civilidade urbana, higiênica, racional, conforme as prescrições dos médicos e intelectuais, que também se esboçava na arquitetura, no corpo, e no planejamento urbano (SENNETT, 1997).

Desta forma, os Parques e Recantos Infantis em Campinas exprimiam discursos e práticas que, a partir da observação dos dados empíricos apresentados, não destoavam dos projetos de cidades modernas que influenciaram grandes cidades brasileiras, que por sua vez tentavam reproduzir, logicamente de forma limitada, devido às condições objetivas diferenciadas, as principais capitais ocidentais. Essa representação ocidental de cidade encontrava seus adeptos em cidades brasileiras que almejavam se diferenciar do cenário rural a partir do século XX, oferecendo prazeres e confortos. Processo que já influenciava cidades europeias e norte-americanas, conforme nos ensina Richard Sennett, desde o século XIX:

No mundo moderno, a crença em um destino comum dividiu-se de uma forma curiosa. Segundo as ideologias nacionalistas e revolucionárias, o povo tinha um só destino; a cidade, porém, tornou falsas essas afirmações. Ao longo do século XIX, o desenvolvimento urbano valeu-se das tecnologias de locomoção, de saúde pública e de conforto privado, do mercado, do planejamento de ruas, parques e praças, para resistir às demandas das massas e privilegiar os clamores individuais (SENNETT, 1997, p. 299).

Na cidade de Campinas e em algumas grandes cidades brasileiras do interior nas décadas de 1940 e 1950, contudo, ainda é possível observar as tensões que residiam exatamente no confronto entre as representações modernas de cidade com seus preceitos

17 SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. **Instruções para Observância do Horário de Funcionamento do Parque Infantil**. São Paulo, [19?b]. (Documento retirado do acervo da EMEI “Celisa Cardoso do Amaral” – Projeto Memórias).

higienistas e a construção de uma identidade local e nacional ainda influenciada pela tradição rural, como aludem Dalben e Danailof:

[...] a ambiguidade entre progresso/atraso, presente/passado, antigo/novo, na medida em que [...] são ressignificados e transformados em espaços que agregam dois elementos essenciais às transformações das formas de pensar e de agir da população. São eles: um refúgio na história brasileira e um abrigo de cuidados com o corpo adequados aos modernos preceitos de higiene e de educação (DALBEN; DANAILOF, 2009, p. 164).

As cidades e suas pedras estariam destinadas a cumprir com tais objetivos, essas comunidades tinham como ferramentas a ginástica, os jogos, as danças, como práticas corporais, elementos fundamentais no desenvolvimento da educação do corpo, subsídios para o asseio da infância e dos espaços públicos. Em particular, configurados como importantes instituições destinadas à assistência, educação, cultura e recreação da população infantil, arriscamo-nos a dizer que os Parques e Recantos Infantis de Campinas representaram uma primeira iniciativa pública de lazer neste município, sendo pensados e orientados enquanto um projeto político e pedagógico destinado ao controle da infância, mas também à constituição de identidades local e nacional ainda não estabelecidas como modernas, urbanas e racionais. Logicamente que essas representações sofriam resistências, mas esta é outra problemática para outros estudos.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BADARÓ, Ricardo de Souza Campos. **Campinas: o despontar da modernidade**. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.
- DALBEN, André. **Educação do corpo e vida ao ar livre: natureza e educação física em São Paulo (1930 – 1945)**. 2009. 170 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2009.
- DALBEN, André; DANAILOF, Kátia. Natureza urbana: parques infantis e escola ao ar livre em São Paulo (1930-1940). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 163-177, set. 2009.
- DANAILOF, Kátia. **Corpos e cidades: lugares da educação**. 2002. 134 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2002.
- FORSTER, Otília. **Plano geral de trabalho: classificados no 2º grau do ciclo elementar**. Turmas femininas e masculinas dos 1ºs e 2ºs anos: de 7 a 9 anos. Campinas: [s.n.], 1939a.
- FORSTER, Otília. **Lição de educação física para o 2º grau do ciclo elementar**. Campinas: [s.n.], 1939b.
- GOMES, Christiane Luce. Lazer e Trabalho no contexto urbano: reflexões sobre os “Clubes de Menores Operários” (1937 – 1947). In: MÜLLER, Ademir; DaCOSTA, Lamartine Pereira (Org.). **Lazer e trabalho: um único ou múltiplos olhares?** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 27-44.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

- MARTINS, Valter. Cidade-laboratório: Campinas e a febre amarela na aurora republicana. **História, Ciências & Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 507-524, abr. 2015.
- MELO, Victor Andrade. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 365-392, jul. 2013.
- MELO, Victor Andrade. Entre a elite e o povo: o sport no Rio de Janeiro do século XIX (1851-1857). **Tempo**, Niterói, v. 21, n. 2, p. 1-22, jul. 2015.
- RAGO, Luzia Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula (Org.). **História da cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. v. 3: A cidade na primeira metade do século XX, 1890-1954, p. 387-435.
- RAMOS, Maria Martha Silvestre. **História da educação infantil pública municipal de Campinas: 1940-2010**. Campinas, P: Millennium, 2010.
- SENNETT, Richard. **Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. São Paulo: Record, 1997.
- SOARES, Carmen Lucia. Uma educação pela natureza: o método de educação física de Georges Hébert. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 37, n. 2, p. 151-157, abr. 2015.
- SOARES, Carmen Lucia. Educação do corpo. In: FENTERSEIFER, Paulo; GONZALEZ, Fernando (Org.). **Dicionário crítico da educação física**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. p. 219-225.